

Um campeão de jiu-jítsu no encalço do presidente Lula

16 NOV 2003

Fã de vale-tudo, Arthur Virgílio segue disposto a complicar a vida do Planalto

PAULO DE TARSO LYRA

BRASÍLIA – Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Neto completou ontem 58 anos. Um dos mais empedernidos críticos do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, o líder do PSDB no Senado alia a oralidade natural de um devorador de livros com a disposição decorrente de anos de atividades físicas, que incluem até títulos de jiu-jítsu.

O governo ainda não conseguiu definir se responde às críticas do tucano ou se o deixa falando sozinho, como um pregador no deserto. Enquanto isso, Virgílio segue disposto a brigar e infernizar a vida do Planalto.

– A figura do adversário sempre foi uma figura sedutora – garante o senador.

Adversários são muitos, mas inimigos Virgílio garante que foram poucos. Atualmente, não lembra de nenhum. Evita cultivar inimizades, alegando que consomem muita energia. “Você passa a viver a vida das pessoas.” Até na definição desse tipo de relação, Virgílio abusa da retórica:

– Se as mulheres que amei



APESAR das divergências, Virgílio quer continuar amigo de Lula

admitirem que tiveram a mesma atenção que dei aos meus inimigos, tiveram sorte. Quem é meu inimigo pode se segurar no poste, que o vento é forte.

Apesar das constantes críticas dirigidas ao chefe da Casa Civil, José Dirceu, Virgílio não esconde que o admira. Enaltece o espírito valente e obstinado do petista, principalmente durante os anos da ditadura militar. Mas aconselha prudência para não degenerar e jogar por terra a biografia.

Quanto ao presidente Lula, paira um sentimento de cari-

nho. Na sexta-feira, durante discurso na tribuna do Senado, Virgílio cobrou mais ação do governo. Disse que, se Lula continuar viajando e não sentar para governar, desenvolverá varizes cívicas. Durante conversa com o **Jornal do Brasil**, lembrou que foi um dos poucos que estiveram ao lado de Lula, em Manaus, quando o então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo estava enquadrado na Lei de Segurança Nacional.

– Se chegar 2006 e o Lula não for reeleito, espero que

possamos continuar a ser amigos. Estou no meu papel, de oposição. Esse é meu trabalho, minha tarefa – resumiu.

Virgílio nasceu em Manaus, herdeiro de uma longa dinastia política, que vem desde seu bisavô, deputado estadual em Pernambuco. Brinca que podem faltar vários profissionais em sua família, mas o que não falta é político. Não esconde a admiração pelo pai, que fez história no PTB. Com o estigma de líder do governo de João Goulart, Arthur Virgílio Filho foi cassado pelo AI-5, no mesmo dia que o ex-governador de São Paulo, Mário Covas.

– Meu pai era prodigioso, um orador nato. Sempre dizia que um político pode ser falante ou mudo. Mas tem que ser direito, não pode roubar – recorda, num dos poucos momentos de voz pausada, para segurar a emoção.

Emoção retomada quando vem à mente o tempo em que o adolescente Arthur Virgílio chega ao Rio, para se juntar ao pai, deputado federal, nos idos de 1967. Ele entrou para política estudantil na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde cursou a Nacional de Direito. Por duas

vezes escapou da prisão. Na primeira, ajudado por um simpatizante e delator do sistema, chamado Wellington Uchôa do Nascimento. Descrito como um homem corpulento, ao chegar no Rio Uchôa infiltrou-se no movimento estudantil e chegou a se hospedar na casa de Virgílio.

Na segunda vez, escondeu-se num subterrâneo próximo ao Aterro do Flamengo. Temeu pelo massacre, mas foi salvo por um espanhol, que agenciava jovens dançarinas nas ruas do Centro.

Virgílio também escapou da morte durante a última campanha para senador, em 2002. Em um comício para populações ribeirinhas, na pressa de visitar o máximo de cidades, saiu pulando de canoa em canoa, sem prestar atenção na hélice do hidroavião que o deixara no local. Muito perto do perigo, foi salvo por um amigo, eleitor antigo – considerado louco na cidade –, chamado Issac Rofé, que segurou seu braço.

Judoca experiente, Virgílio conseguiu se equilibrar e não caiu. Neste instante, seu ajudante-de-ordens mostrou a hélice próxima de sua cabeça. Virgílio ficou lívido e trêmulo durante o resto da viagem.

– Depois dizem que o maluco sou eu – brincou Rofé.

Virgílio confessa que assiste a competições de vale-tudo e lutas de boxe, além de discutir confrontos históricos com seu motorista, faixa-preta de jiu-jítsu. Sonha em voltar a competir, mas admite que o joelho operado não colabora.

Para aprimorar a outra arma que utiliza nos combates – a oratória –, lê livros compulsivamente: clássicos da literatura e publicações sobre o período do regime militar. Está debruçado atualmente em *A ditadura derrotada*, do jornalista Elio Gaspari.

“Inimigos podem se segurar no poste, que o vento é forte”